

Ruptura, reparação e reconciliação: tentativas de criar futuro no siloísmo contemporâneo¹

Rupture, repair, and reconciliation: attempts to create a future in contemporary siloism

Mariana Garzón Rogé

Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

RESUMO

O crescimento da polarização no mundo contemporâneo, associado ao surgimento das ultradireitas e ao efeito de fechamento em bolhas das redes sociais, tem levado as humanidades a enfatizar, nos últimos anos e com grande preocupação, os processos de fragmentação e decomposição em curso. Uma descrição “espessa” desses panoramas precisa considerar também as experiências que buscam trabalhar as fissuras na direção oposta, tentando criar mundos comuns e futuros menos sombrios. As rachaduras não produzem apenas ruptura, mas também tentativas, precárias, porém persistentes, de recomposição. Este artigo examina como o siloísmo contemporâneo — movimento humanista surgido nos anos 1960 na Argentina e posteriormente expandido transnacionalmente — convive com e atua sobre essas fraturas. A partir de uma etnografia multissituada no Brasil, na Argentina e em espaços virtuais, o artigo apresenta, em primeiro lugar, controvérsias vividas relativas à compatibilidade entre uma perspectiva universalista do ser humano e as agendas do antirracismo e do feminismo mobilizadas pelos atores. Em segundo lugar, analisa práticas rituais e coletivas orientadas à produção de experiências de reconexão, nas quais se ensaiam formas situadas de elaboração das diferenças e do sofrimento. A reparação torna-se, nesse contexto, um modo de levar em conta as desigualdades e a história de violência e dominação, sem romper o vínculo com aqueles com quem se tecem alianças para construir futuros. Em diálogo com o pragmatismo, o artigo argumenta que essas formas de convivência não eliminam as tensões, mas intervêm no modo como elas se configuram por meio de práticas deliberadas de recomposição e reparação.

¹ Expresso meu agradecimento aos siloístas que se abriram para conversar comigo e que me deram a possibilidade de participar de suas aventuras e buscas durante a realização desta pesquisa. E também aos avaliadores anônimos propostos pela Antropolítica por suas sugestões para melhorar o texto final.

Recebido em 9 de setembro de 2025.
Avaliador A: 14 de janeiro de 2026.
Avaliador B: 19 de janeiro de 2026.
Aceito em 29 de maio de 2026.



Longe de resolver as fissuras, tais práticas buscam torná-las habitáveis, sustentando, de jeito frágil, porém persistente, a possibilidade de produzir o comum em contextos cismáticos.

Palavras-chave: Siloísmo, Recomposição, Reparação, Pragmatismo, Etnografia.

ABSTRACT

The growth of polarization in the contemporary world, associated with the rise of new far-right movements and the isolating effects of social media, has led the social sciences in recent years to emphasize, with increasing concern, ongoing processes of fragmentation and decomposition. A “thick” description of these landscapes must also take into account experiences that seek to work on these fissures in the opposite direction, attempting to create common worlds and less somber futures. Such fractures do not only produce rupture, but also precarious yet persistent attempts at recomposition. This article examines how contemporary Siloism—a humanist movement that emerged in the 1960s in Argentina and later expanded transnationally—both coexists with and acts upon these fractures. Drawing on a multisited ethnography conducted in Brazil, Argentina, and online spaces, the article first presents lived controversies concerning the compatibility between a universalist conception of the human being and the agendas of anti-racism and feminism as mobilized by actors. It then analyzes ritual and collective practices oriented toward producing experiences of reconnection, in which situated forms of engaging with difference and suffering are explored. In this context, repair becomes a way of taking into account inequalities and histories of violence and domination without severing ties with those with whom alliances are woven in the pursuit of shared futures. Engaging with pragmatism, the article argues that these forms of coexistence do not eliminate tensions, but rather intervene in how they take shape through deliberate practices of recomposition and repair. Rather than resolving fissures, such practices seek to render them habitable, sustaining—albeit in fragile yet persistent ways—the possibility of producing the common in schismatic contexts.

Keywords: Siloism, Recomposition, Repair, Pragmatism, Ethnography.

INTRODUÇÃO

A essência da vida é uma espécie de memória. Representa a conservação física do passado no presente. Ao se reproduzirem, as formas de vida fixam o passado e gravam mensagens para o futuro (Margulis; Sagan, 1995, p. 84).

O III Encontro Nordestino de Mensageiros de Silo encerrou-se com uma roda na casa

que os *amigos* — como os siloístas se chamam entre si — haviam alugado em Paripueiras, perto de Maceió². A atividade central foi ouvir a gravação da Arenga da Cura do Sofrimento, o discurso que o mestre Silo ofereceu publicamente em maio de 1969, ao descer da montanha, em um local cordilheiro na província de Mendoza, na Argentina. Naquela ocasião, ele havia falado para cerca de duzentas pessoas, rodeadas por agentes das forças armadas do governo militar da Revolução Argentina e pelos meios de comunicação, que buscavam uma notícia sensacionalista sobre o aparecimento do novo “profeta”. Desde então, a gravação foi ouvida milhares de vezes, como um material precioso que convidava a uma atitude de introspecção, trazendo às vezes, para os mais antigos, a lembrança do primeiro contato com o siloísmo, suscitando surpresa e atração entre os recém-chegados.

Naquela manhã tão diferente, de calor abafado, 56 anos depois, *mensageiros* brasileiros, chilenos e argentinos seguiram o ritmo da gravação com solenidade, alguns por meio de um folheto com tradução para o português com o qual os falantes de espanhol nos abanávamos. Depois, houve oportunidade para compartilhar impressões e expressar agradecimentos pela semana de intensos intercâmbios e experiências vividas no percurso que atravessou Sergipe, Pernambuco e Alagoas. Algo no ar se deteve quando Lindacy, *mensageira* de Igarassu, protagonista do processo em uma Sala da Mensagem naquele lugar, tomou a palavra. Ressaltou o quão significativo era para ela ouvir que Silo, com toda clareza, “desde o início se posicionara contra toda violência racial”³. Isso a tocava profundamente, porque muitas vezes havia sido questionada “por ser uma mulher negra no movimento de um homem europeu”: como poderia ela, “mulher negra ativista da resistência do povo negro, seguir um branco”? Tive a sensação de que os não-negros apenas esperaríamos que o tema se desenrolasse (ou não). Mestre Bahía, *mensageiro* antigo, de palavras suaves e forte presença — pelo seu grande porte, que combina com longas tranças e cílios surpreendentemente vivos — aceitou o desafio. É líder de um grupo de capoeira no bairro de Santa Rita, em Tobias Barreto, e ativista da “consciência negra” na região de Sergipe. Disse que era muito importante ter argumentos para defender a participação na Mensagem de Silo, porque é uma mensagem “contra todo tipo de opressão e discriminação” e que “é preciso estar atentos para que o oprimido não se torne opressor”, excluindo outros da

2 O siloísmo atual é uma rede de pessoas, associações, histórias, espaços e materiais bastante horizontal. Os siloístas falam de qualquer outro siloísta em termos de “amigos”. Se se diz “X é um amigo”, quer dizer que é alguém com algum grau de participação no siloísmo, não sendo necessária nenhuma explicação adicional. Também existe a categoria de “mensageiro”. Quer dizer que é um amigo que busca propagar *A Mensagem de Silo* a outros e a cultiva em si mesmo. *A Mensagem de Silo* é um pequeno livro, simples, bastante poético, que além disso contém as instruções para realizar “as cerimônias”.

3 A arenga mencionou, em 1969, a existência de “uma violência racial”. “Há, além disso, uma violência racial — achas que não exercitas a violência quando persegues o outro que é de uma raça diferente da tua, achas que não exerces violência quando o difamas por ser de uma raça diferente da tua?”. Disponível em: <https://www.parquepuntadevacas.net/Arenga.php>. Acesso em: 6 abr. 2026.

luta antirracista, “já que o fato de Silo ser branco” não tinha uma maior importância. Precisamos “sair do que nos divide e tomar o que nos permite construir o mundo que queremos”. Eu esperava uma intervenção de Tania, também mulher negra, anfitriã/organizadora do evento na localidade em que estávamos. Ela não se pronunciou imediatamente, deixando apenas mais tarde um comentário que a posicionava em relação à reflexão de Lindacy: “Acho que não somos a cor da nossa pele”.

Na noite anterior, na cozinha da casa, enquanto resolvíamos algo para comer, aconteceu uma situação divertida em relação à pouca atenção que havíamos dado para comer formalmente. Angélica, uma *mensageira* que coordena atividades no distrito de Lagarto, também em Sergipe, e que tem uma grande vassoura de bruxa decorativa pendurada na porta de sua casa, como uma espécie de emblema feminista, reivindicou, em meio de um abraço coletivo entre risadas: “*The Power of Women*”. Sem deixar de sorrir, a Tania se tinha afastado dizendo: “*Meninas, eu não sou feminista, não*”. Certas disputas de baixa intensidade sobre a compatibilidade entre feminismo e siloísmo já me eram algo conhecidas. Alguns meses antes, na véspera do Dia Internacional da Mulher, o algoritmo do *Facebook* havia me mostrado uma publicação de uma *amiga* que vive em Gran Canaria, Espanha, na qual havia um desenho feito com inteligência artificial de uma jovem com cabelo ao vento, um grande símbolo da paz na sua camiseta e a mão fazendo o gesto da vitória, com dois dedos levantados. Uma legenda buscava ancorar um sentido siloísta à imagem: “Não ao armamentismo. Sim à Revolução Feminista Humanista”. Nos comentários, rapidamente intervieram três siloístas, marcando contradições entre feminismo e siloísmo e provocando a justificação da mulher para se adequar a uma coerência.

O que havia nessas cenas? O siloísmo, movimento que desde os anos sessenta se esforça por cultivar valores humanistas, universalistas, por meio da metodologia da não-violência, também estava fragilizado por versões homeopáticas das racionalidades cismáticas sobre questões raciais, de gênero, políticas, de classe, religiosas? O mestre Silo não havia dito que todos eram, antes de tudo, humanos? Isso podia ser interpretado de maneiras diferentes? Havia pretensões de alguns deles de reconduzir “a doutrina” para a incorporação de agendas de reconhecimento identitário globais? E, se fosse o caso, como se manifestavam os desacordos e as reações? As perguntas eram governadas por formas de olhar que trago de anos de pesquisa sobre conflitos, controvérsias, facciosismo e intrigas políticas. E aqui pareciam ser úteis mais uma vez. Prestar atenção a disputas que se desenrolam em um plano rasante da ação poderia me permitir descrever com precisão a composição contemporânea dessa existência coletiva que é o siloísmo empírico, suavizando olhares relativos à homogeneidade interna que frequentemente governa imagens sobre grupos alterizados em termos de crenças, mentalidades

ou matrizes interpretativas⁴. Se eu mostrara que, mesmo aqueles que aspiram a um mundo “sem sofrimento”, “utópico, se quiser”, em palavras deles, precisavam lidar constantemente com divisões próprias da racionalidade cismática contemporânea, sua existência histórica ganharia densidade e vivacidade. No decorrer da etnografia percebi, no entanto, que essas perguntas estavam interferindo na minha capacidade de descrever outras coisas também presentes no terreno, que me eram menos familiares e que eram indispensáveis para uma “descrição mais espessa”, nos termos que Isabelle Stengers e Didier Debaise propõem ao revalorizar o filósofo norte-americano William James (Debaise; Stengers, 2023).

Começarei então argumentado que, embora o siloísmo possa estar atravessado por rachaduras e racionalidades cismáticas que tensionam nossas sociedades contemporâneas, seus atores desenvolvem práticas específicas para não ficarem presos da lógica da polarização. Mais do que tematizar ou aprofundar eventuais polêmicas, mesmo que existam, eles exploram formas de reparação e reconciliação que lhes permitem continuar fazendo coisas para que, como eles diriam, “haja futuro”. Atentar para essas explorações permite olhar em detalhe como as fissuras não apenas produzem fragmentação, mas também tentativas insistentes de recomposição e regeneração: modos de lidar com conflitos que contribuem para pensar as possibilidades de convivência em tempos cismáticos.

O caso poderia se inscrever, em certo sentido, no que Joel Robbins, a partir de uma perspectiva centrada nos valores e na ética, denominou de “bright anthropology”, contribuindo para enriquecer o acervo da diversidade humana na busca de alcançar uma boa vida (Ortner, 2016; Robbins, 2013, 2023). Acredito, no entanto, que uma inscrição nessa linha de pensamento embaralharia a perspectiva a partir da qual me volto ao estudo da experiência siloísta, já que não procuro julgá-la como “boa” em nenhum sentido ético, mas sim descrever e registrar a criatividade e as vivências plurais que produz, com o intuito de compreender do que são capazes as pessoas e os movimentos na hora de gestar opções de vida nos tempos da racionalidade cismática. Que ao final venha uma sensação de estar diante de experiências “brilhantes”, de construção de modos de vida bons, não é algo que tenha estado predefinido de antemão.

De modo geral, argumento que, se o estudo das fissuras e dos conflitos de qualquer natureza ao rés do chão — muito mais habitual do que a “bright anthropology” — perde de vista as múltiplas instâncias de cooperação que o conviver implica — o abundante e permanente acúmulo de esforços cotidianos e plurais para reunir, acoplar, associar, curar, aproximar e suturar

4 Os grupos minoritários religiosos, espirituais ou esotéricos, assim como muitas práticas, atores e entidades contraculturais, frequentemente são alterizados com um efeito homogeneizante. Uma etnografia anterior sobre um projeto educativo antropológico revelou precisamente que repousar o olhar sobre as crenças comuns ou sobre uma certa ideia de comunidade de valores frequentemente interfere na nossa capacidade de compreender uma pluralidade que é constitutiva de todo grupo humano e que, mesmo em espaços dessa natureza, não necessariamente está escondida nem é tabu (Garzón Rogé, 2022).

que produzem no mundo humanos e não-humanos — as experiências que buscamos descrever ficam mal retratadas, pobremente narradas. Incentivo à exploração de experiências imperfeitas de convivência para povoar a existência de modos de vida e formas de fazer mundo regenerativas (Haraway, 2019; Despret, 2023). Não o faço especialmente por otimismo ou convicção natural, mas para honrar descrições possíveis e válidas da nossa passagem pela história da vida neste planeta, que muitas vezes são afastadas, menosprezadas em nossos escritos, enfraquecendo o que conseguimos testemunhar.

RECONCILIAR E REPARAR

Não é fácil reconciliar-se, não é fácil tolerar determinadas situações, mas vamos exercitando isso dentro de nós e vamos conseguindo (Lindacy; Paripueiras, 2025).

Norma e Fernando estavam prontos para viajar ao Parque de Estudo e Reflexão de Manantiales, perto de Santiago do Chile, onde se encontrariam com *amigos* de lá e com outros, que imaginam como *peregrinos*, já que eles viajavam da Bolívia, Peru e Brasil para “irradiar a experiência do III Encontro Nordestino”⁵. Era um dos eventos que os siloístas organizam para tornar ainda mais reverberante os encontros que já tiveram, para colocar a trabalhar o já feito. Viajavam nessa oportunidade, entre outros, Alexandre, Angélica e Lindacy desde o Brasil, três figuras centrais que eu havia conhecido no Nordeste. Norma e Fer gostariam que eu viajassem com eles, já que “o que estou fazendo [minha pesquisa] faz totalmente parte do que está acontecendo”, eles falam. “O que está acontecendo?”, pergunto. “O fenômeno psicossocial em andamento!”, respondem-me, “Senão (...) como você explica que você tenha viajado à *Sergipe*⁶?”. Não posso ir ao Chile, mas acompanho parte do evento por transmissões ao vivo no Instagram e recebo mensagens pelo WhatsApp dos *amigos*: “O testemunho de Lindacy foi impressionante”, diz um deles de lá, “já te contarei”. Eu assisto no YouTube.

No vídeo, Lindacy está parada na sala, uma *amiga* chilena a traduz para o espanhol, palavras mais palavras menos, e é acompanhada por gestos de afirmação de vários que estão sentados nos bancos ao redor, maioria brancos⁷. Ela diz:

5 “Peregrinos” é um jeito de falar dos *amigos* que viajam levando a Mensagem pelo mundo.

6 Os *amigos* da Argentina, ao se referirem ao que acontece “em *Sergipe*”, aludem a uma experiência que engloba mais do que o que ocorre nesse estado brasileiro; também quer dizer o que sucede em torno da experiência em Pernambuco e, no momento do III Encontro, também em Alagoas. Em termos gerais, no que acontece no Nordeste.

7 Testemunho de Lindacy disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9hXnBAdSwM>. Acesso em: 6 abr. 2026.

Eu estou achando que a Mensagem [de Silo] tá dando o primeiro passo para a reparação de toda dor e sofrimento que o povo branco fez ao negro passar. O que eu senti ontem aqui na sala, após a Cerimônia de Reconhecimento, aquela mensagem de reconhecimento me tocou profundo e fez com que eu realmente confirmasse que é o momento de reparação do povo negro, do povo branco com o povo negro. E aí fica o desafio de levar essa mensagem para nosso povo negro, para que eles entendam como é que isso acontece. Isso pode ser um desafio para nós as pessoas negras que estão dentro da Mensagem (Lindacy, Manantiales, maio 2025).

A Cerimônia de Reconhecimento da qual Lindacy fala é uma das cerimônias da Mensagem de Silo. Realiza-se a pedido de pessoas que querem ser incorporadas na comunidade. É um ato performativo de compromisso, uma sorte de decálogo de princípios, que reivindica explicitamente “a igualdade de direitos e a igualdade de oportunidades para todos os seres humanos”, para reconhecer e incentivar “a diversidade de costumes e culturas”. A cerimônia afirma que: “Nos opomos a toda discriminação. Consagramos a resistência justa contra toda forma de violência física, econômica, racial, religiosa, sexual, psicológica e moral”⁸. Lindacy, no III Encontro Nordestino, já havia mencionado a importância de “ir achando os argumentos” que lhe permitissem responder aos questionamentos que recebia por participar de um movimento cujo guia era “um branco”:

Talvez Silo não percebesse o que dizia, mas nós agora podemos ver como reparação. Quando, entrando em uma favela, me questionam ‘Como assim, Lindacy? Como pode? Um homem branco, europeu, como você tá aí?’ Eu sempre respondia com o tema da paz (...) mas agora tenho muitos mais argumentos [risadas]. Silo trouxe uma reparação. Temos que trazer o branco para entender a dor do povo negro. Jamais vai imaginar a dor que passamos. Mas precisa ser nosso aliado, ter sensibilidade, porque essa dor também pode ajudar a curar (Lindacy, Paripueiras, maio 2025).

A criação de “sensibilidade” entre os brancos como germe de uma “aliança” necessária, que “ajudasse a curar a dor do povo negro”, é crucial na sua elaboração interpretativa do siloísmo. Ali, rodeada de pessoas brancas, deixando-se abraçar pelo seu aniversário, *peregrina* rumo a terras nas quais muitos *amigos* estavam se inteirando da existência do racismo no Brasil contemporâneo. Uma *amiga* porteña me havia comentado poucos meses antes que ela havia tomado conhecimento de que no Brasil a questão da cor da pele era fonte de discriminação em um encontro com amigas de Guarulhos, São Paulo. Ela refletia que achava incrível isso já que “justamente eles têm muita diversidade de cores nesse país”. Os encontros siloístas eram momentos de aprendizagem, alfabetizações raciais, atenção ao sofrimento de outros.

Alguns dias depois que os *amigos* argentinos voltaram do Chile, vamos de carro com Fernando rumo a um aniversário. Ele vai me “fazendo um resumo” de suas principais

⁸ *A Mensagem de Silo*, 2002. Uma versão em português está disponível em: <https://www.silo.net.br/mensagem.html>. Acesso em: 6 abr. 2026.

impressões após o encontro no Chile. Diz que o testemunho de Lindacy foi “ouro puro”. Observa que há um conceito circulando, o conceito de “reparação”, “que muda tudo”. Fazendo uma brincadeira, ele reflete que, algum tempo atrás, teria “tirado com o *silosaurio* e pedido ;reconciliação!”. Mas agora entendia que o que tinha que fazer era “um processo de re-pa-ra-ção!”. Isso implicava, eu pensei sem expressar, perceber como ineludíveis questões que não são “a essência do ser humano”, como a cor da pele, por exemplo, processos de alterização sobre ele que implicaram perseguições, extermínios, invisibilizações e que ainda hoje se mantêm. Mas a ideia da *reparação* não era tão nova, depois entendi. Moisés, um *amigo* chileno que mora em São Paulo, me indicou uma citação do próprio Silo, que em 2007, numa Jornada de Inspiração Espiritual, alude à “reparação” como instância associada à “reconciliação” que implicava um reconhecimento do dano:

Reconciliar não é esquecer nem perdoar⁹, é reconhecer tudo o que ocorreu e propor-se sair do círculo do ressentimento. É passear o olhar reconhecendo os erros em si e nos outros. Reconciliar em si mesmo é propor-se a não passar pelo mesmo caminho duas vezes, mas dispor-se a reparar duplamente os danos produzidos (Silo, Punta de Vacas, maio 2007).

O tema da “não-violência racial” não era novo no siloísmo. Mesmo antes de 1969, antes da aparição pública de Silo, os integrantes dos primeiros grupos do movimento em 1966 ou 1967 já se posicionavam contra toda “violência racial” quando interrogados pela polícia, a imprensa e a sociedade (Garzón Rogé, 2026). Tratava-se de uma reivindicação marcante em um país como a Argentina, cujos processos de invisibilização da negritude e da indigeneidade acabaram por construir uma forte ideologia, amplamente arraigada em torno de uma suposta branquitude nacional, na qual as pessoas “vieram dos navios” e se misturaram num “caldeirão de raças” (Frigerio, 2006; Alberto, 2016; Guzmán; Geler; Frigerio, 2016; Gordillo, 2020). Silo adotou cedo uma pregação antirracista não-violenta, certamente inspirado nas lutas lideradas, entre outros, por Martin Luther King nos Estados Unidos, que impactaram o discurso *I Have a Dream* de 1963, mas também contra o antisemitismo¹⁰.

⁹ É interessante, embora eu não vá seguir esse fio que me levaria longe, notar que Silo esclareceu que “reconciliar não é esquecer nem perdoar” em 2007. Produzir um discurso centrado na “reconciliação” na Argentina daquele momento, em que as causas de crimes de lesa humanidade estavam sendo julgadas na justiça, e em que os direitos humanos começavam a ter um impulso oficial inédito, podia ser facilmente associado a um discurso de direita. Os movimentos de direitos humanos no país e, mais em geral, a população que condena os crimes da última ditadura militar (1976-1983) costumava reivindicar a consigna “Nem esquecimento nem perdão”. Também é comum reivindicar diretamente a “não reconciliação”. Assim o faz, por exemplo, a histórica referência das Madres de Plaza de Mayo Linha Fundadora, Nora Cortiñas, em um texto chamado “Ni olvido, ni perdón, ni reconciliación”, que é o prólogo do livro de Daniel Pittuelli (2019). É possível ver uma entrevista em que ela se demora especificamente na rejeição à “reconciliação” neste link: <https://www.elmiercolesdigital.com.ar/fallecio-norita-cortinas/>. Acesso em: 6 abr. 2026.

¹⁰ “A questão racial” da qual eles falam nos primeiros anos tem provavelmente mais que ver com a discriminação

Os *mensageiros* atuais de Silo em Sergipe trabalham há anos contra a discriminação racial com grande delicadeza, buscando não reproduzir divisões, mas, ao contrário, somar alianças com “brancos” como medida de proteção e crescimento associativo em seus locais. Mestre Bahía organizou a sede do *Projeto Da Consciência Negra* no bairro de Santa Rita, na localidade de Tobias Barreto, de onde lidera um grupo de capoeira, os *Filhos de Obaluaiê*, que constitui um bastião da luta não-violenta e antirracista na região, reivindicando a cultura negra de uma disciplina que é a arte de resistir à escravidão por meio de técnicas de combate físico defensivo em forma de dança. Somam-se aos esforços dessa potente comunidade, entre outros, o jornalista e experimentado *mensageiro* Alexandre Simmogini, o Mestre Sininho, e muitas mulheres jovens e famílias sergipanas cujos filhos participam das atividades do *Projeto*. Os siloístas da região comemoram a semana da consciência negra por volta do dia 20 de novembro com atividades na Sala da Mensagem localizada em Jacaré, data na qual recebem visitas de *amigos* de outros países que chegam à região para compartilhar e validar essas reivindicações com eles. Nessas ocasiões, são produzidas camisetas alusivas com a identificação da Mensagem de Silo, usadas posteriormente nos encontros e atividades que promovem em comunidades e eventos.

Imagem 1. Amigo com a camiseta do Projeto Da Consciência Negra e da Mensagem de Silo¹¹



Fonte: Autoria própria (2025).

antissemita que eles observavam na sociedade argentina, mas sem dúvida também eram partidários de não fazer nenhum tipo de marcação em relação às diferenças de cores da pele das pessoas. As lutas não-violentas no mundo inteiro nesse momento estavam fortemente unidas a uma questão dos processos segregativos baseados nas diferenças de cores e culturas não-brancas (Garzón Rogé, 2026).

¹¹ Alexandre registra a colocação de um cartaz onde o poeta e impulsor da cultura sergipana Pedro Meneses planeja inaugurar o *Museu Dona Carmelita* num local de fronteira entre as regiões de Sergipe e Bahia.

Falar sobre as desigualdades raciais sem reproduzir as diferenças é um desafio desde uma perspectiva do humanismo siloísta. Tania, por exemplo, mulher de 58 anos de São Paulo, que vive há muito tempo com suas filhas ao norte de Maceió, e que participa de forma intermitente do movimento desde os anos noventa expressa, em sua opinião, a complexidade do assunto:

Para mim é muito claro que o movimento humanista, o que Silo propôs, foi que fizéssemos essa questão interna: voltarmos-nos para o autoconhecimento, dar sentido à vida. E para mim nunca fez sentido nada que gerasse violência e muito menos essa questão discriminatória, nem feminina, nem de raça, nem de gênero; nada disso fez parte da minha vida. Tenho uma vida em que acredito que os seres humanos são seres humanos e que não importa a cor, não importa nada. Tanto que nunca fiz parte de grupos negros, afrodescendentes, nada disso. Eu sempre digo: eu não sou afrodescendente, não sou. Eu sou negra, sim. Essa raça é maravilhosa. Mas isso não quer dizer que, porque nasci negra, carrego todos esses pesos que todo mundo carrega por ser negro. Que todo mundo, não! Que a maioria dos negros carrega. Eu nunca carreguei esses pesos, sabe? Para mim... minha forma de ver o mundo é ver o ser humano como ele é. É um ser humano! E como se apresenta externamente? Pouco me importa! O que importa é como se apresenta internamente. Então, quando falo com as pessoas, falo com o ser que está ali dentro e não com a camada que o veste. Para mim é apenas uma vestimenta. É isso. Então não tenho como levantar bandeiras, de feminismo, de problemas de gênero, de raça... Essas coisas para mim não existem. Não consigo fazer isso porque percebo que o único efeito é dividir. E quando entendo que somos seres humanos que viemos aqui para aprender a ser melhores, a nos amar uns aos outros (porque essa é a minha filosofia de vida, que levo por toda a vida), que vim aqui para oferecer esse amor, esse sentimento maravilhoso que tenho de conexão com os outros... não tenho como cobrar de outro, e principalmente de um passado que não vivi... eu não estava aqui... uma coisa que para mim não faz sentido (Tania, WhatsApp, junho 2025).

Se o que importa é ver “o essencial”, o que temos em comum, a humanidade, “de coração a coração”, como dar conta e atuar sobre as desigualdades que precisam do reconhecimento das diferenças históricas, sociais, políticas? Norma me diz, um dia que estamos pegando o sol em uma praça de Buenos Aires, que “é fundamental que viajemos de novo para lá”, para o Nordeste do Brasil, que “eles nos precisam”, “que nos recebem felizes porque isso os fortalece”, “são invisíveis na sociedade em que eles moram, precisam que viajemos”. As visitas de “nós, brancas”, disse abaixando sutilmente o tom da sua voz, ajudam a fortalecer o reconhecimento social, político e cultural das associações *dos amigos*, além de facilitar proteção, crescimento e até talvez a possibilidade de evitar instâncias repressivas.

Lindacy, além de *mensageira de Silo*, é coordenadora e psicopedagoga da Biblioteca Palmira Gregoria, em um quilombo de Olinda que leva o mesmo nome, nome de sua avó, uma lavadeira analfabeta que a incentivou com seus conselhos a valorizar a educação como ferramenta de crescimento em condições de desigualdade: “Estudem, nos dizia minha avó,

porque vocês são negros e os negros precisam estudar para ser alguém na vida”¹². Lindacy também é presidente do *Centro de Defesa da Cidadania* (Cendecol) daquele lugar, coordenadora do *Coletivo de Mulheres Negras de Pernambuco* e coordenadora da *Articulação de Pessoas com Doenças Falciformes* na mesma região, já que também é licenciada em biologia e tem ativismo na área de saúde mental. Ela vincula muitas associações, cumpre muitos papéis, papéis que se nutrem mutuamente, e nos quais a Mensagem de Silo funciona como um dos fios do seu ativismo.

Com potência comparável, na cidade de Guarulhos, pulsam forte duas *amigas*: Verinha e Rosângela, mulheres negras, praticantes de religiões de matriz afro, ativistas antirracistas, que coordenam um grupo para mães de crianças neurodivergentes no qual integram a Mensagem de Silo. Além disso, estão ligadas à União de Núcleos de Educação Popular para Negras, Negros e Classe Trabalhadora, uma organização composta, segundo o que diz seu site na internet, por núcleos de “educação popular e formação política das periferias de São Paulo, Rio de Janeiro e em territórios quilombolas, indígenas e periféricos de todo o Brasil” e que luta “em defesa da educação decolonial e antirracista, e em prol da igualdade de oportunidades e de justiça para pessoas negras, quilombolas, indígenas, periféricas, faveladas, imigrantes, trabalhadoras e juventude”. Ali participaram, entre outras atividades, do mês da “Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha”¹³. Quando siloístas estrangeiras passam por Guarulhos, Olinda ou Tobias Barreto, são levadas a realizar encontros em espaços associativos e institucionais ligados a essas instituições, entrevistadas em rádios, incorporadas em *reels* do Instagram, apresentadas a funcionários locais. Essas visitas, depois, têm seu impacto público ampliado através de vídeos e fotos nas redes sociais. São oportunidades de visibilização.

Os siloístas participam, também, de espaços abertos pelo Estado. No dia 22 de julho de 2025, realizou-se a *Primeira Conferência Intermunicipal de Promoção da Igualdade Racial do Centro-Sul de Sergipe*, em torno do tema “Reparação e Justiça Racial”, organizada pela prefeitura de Simão Dias. Neste evento, a presença de *mensageiros* de Silo foi notável e inédita: contaram com 8 enviados. Quatro dias depois, realizaram um Encontro Aberto na Sala Sergipe da Mensagem de Silo para conversar sobre a Conferência, onde lideraram uma Experiência de Reconhecimento, a cerimônia já descrita que se faz a pedido de um grupo para se incorporar ativamente à Mensagem. No *flyer* dessa proposta, vê-se uma foto da conferência municipal na qual o Mestre Bahía segura uma bandeira do Movimento Negro Unificado. Está o selo distintivo dos *Filhos de Obaluaíê*, um desenho da *Sala da Mensagem de Silo* e o logo

12 Disponível em: https://www.instagram.com/reel/Cn0jvB_NUxs/?igsh=MTNsaxFsoTRyeXo2Ng%3D%3D. Acesso em: 6 abr. 2026.

13 Disponível em: <https://uneafrobrasil.org/historia/>. Acesso em: 6 abr. 2026.

do *Recanto da Serra*, um empreendimento cultural de valorização eco-histórica da caatinga sergipana, também associado ao siloísmo porque o seu dono, o poeta comprometido com a cultura local, Pedro Menezes, foi quem doou o lugar para construção da *Sala* em Jacaré. Mestre Bahía junto com Larissa foram delegados na 5ª Conferência Nacional da Igualdade Racial, aberta pelo presidente Lula Da Silva, depois de 7 anos que não conseguia se organizar por causa dos impedimentos do governo de Jair Bolsonaro.

Imagem 2. Flyer da atividade na Sala da Mensagem de Silo após a *Primeira Conferência Intermunicipal de Promoção da Igualdade Racial do Centro-Sul de Sergipe*



Fonte: Grupo de Whatsapp (2025).

Essas ações descritas, fragmentos de muitas outras empreendidas cotidianamente, são ampliadas por meio de uma política expansiva de comunicação nas redes sociais que conecta pessoas de vários países, atentas à experiência siloísta *em Sergipe*, onde circulam informações intensamente. A comunicação interna foi central desde as origens do movimento, assim como tem sido o engenho para sair “ao meio”, ao espaço público, divulgar atividades e utilizá-las para atrair novas adesões (Manzano, 2017; Garzón Rogé, 2026). Atualmente, através de grupos de WhatsApp, siloístas e simpatizantes ficam sabendo de maneira imediata dos assuntos que afetam *os amigos* ou das situações que os preocupam e ocupam. Situações de violência racial têm um espaço garantido nesses canais. Por exemplo, é pertinente denunciar casos de violência cometida pela Polícia Militar no Brasil contra jovens negros, frequentemente assassinados pela lógica cismática que transforma alguém correndo para um ônibus em um criminoso (Mota,

2018). Os casos geram reflexões entre *os amigos* que servem à comunidade como uma instância pedagógica, de alfabetização racial, de problematização das desigualdades e construção de saberes. Um dos *amigos* comentava uma captura de tela assim: “Isso é terrível, é um verdadeiro genocídio que aflige os jovens negros do Brasil, um dos problemas mais graves do nosso país, precisamos de uma campanha que envolva todos contra a violência racial que vem principalmente da Polícia Militar”. Não se trata de mensagens que se perdem no grupo. São modos de informar uma comunidade internacional sobre situações de violência locais, de alfabetizar pessoas que não têm contato com a crueldade dessas realidades e de materializar a busca espiritual que implica “identificar a violência que há em mim e fora de mim”, como falava Silo, criando um compromisso com a luta antirracista, do espaço local ao mundo.

REENCONTRAR ÀS GRUTAS MATRIARCAIS

A gente busca, busca, busca (...) em algum momento também podemos escolher encontrar (Angélica, Paripueiras, maio 2025).

Norma e eu conversamos muito desde que nos conhecemos. O feminismo aparecia com frequência no início, suponho que porque eu leio o mundo muito nessa chave quando falo de mim, sensível às desigualdades estruturais que me subalternizam. Ela acha que o feminismo “não é unitivo”, que suas reivindicações tendem a separar as pessoas umas das outras e a criar mais conflito. No dia 8 de março ela me enviou, no entanto, uma *selfie*. Via-se um grupo de mulheres siloístas que eu conheço na massiva marcha de mulheres e dissidências realizada na cidade de Buenos Aires. Elas apareciam sorridentes, algumas portando lenços verdes, símbolo de adesão à lei de interrupção legal da gravidez na Argentina, sancionada em 2020 depois de muitos anos de mobilização e luta, agora em perigo pela agenda anti-direitos do governo de Javier Milei. A imagem me alegra e me surpreende. Eu a observo com atenção, tentando perceber o que me surpreende, apalpando minha estranheza. É verdade que o siloísmo, de fato, foi um dos movimentos pioneiros na Argentina na defesa de maior igualdade. O Partido Humanista, como reconstruiu a pesquisa de Valeria Manzano, foi lançado publicamente no ato de 8 de março de 1984, evento encabeçado por uma delegação de Madres de Plaza de Mayo, com presença de agrupações feministas e ramos femininos de partidos políticos que reivindicavam uma lei de divórcio e de aborto. Foi, inclusive, a primeira agremiação a apresentar “candidatos de militância gay” nas eleições de 1985 (Manzano, 2017, p. 130). Mas uma siloísta como Norma, que entrou em contato com o movimento em 1971 e que tem mais vida nele do que fora dele, tem entre suas consignas mais queridas “a superação do sofrimento” e considera que o caminho mais direto para alcançá-la é “se reconciliar”, apesar de reconhecer que não é nada

fácil. Acredito então que o que me surpreende na *selfie* é que ela possa pensar que as consignas do feminismo “não são unitárias” e que “é preciso se reconciliar” e, mesmo assim, esteja na manifestação e me envie orgulhosamente a foto, cercada de *amigas*.

A Mariel está na imagem. Eu a conheci, envolta em lãs, num dia de sol e muito frio, distribuindo raminhos de eucalipto e o programa de atividades na porta do Parque em La Reja, província de Buenos Aires. Era a reunião “Estacional de Inverno”: os siloístas se juntam em cada começo de estação. Depois de conversar um pouco, ela me contou que participa de uma comunidade somente de mulheres: “sim, somente mulheres”, repetiu, entre orgulhosa e decidida, “estamos pensando se algum dia a abrimos para diversidades”. Internamente pensei que deviam ter conquistado algumas antipatias por essa decisão, talvez eu tenha demonstrado de algum modo a surpresa porque ela continuou: “Na verdade, só queremos trocar em um espaço onde não aconteça aquilo que às vezes ocorre... sem querer às vezes... onde a presença do homem prevalece, entende?... queremos ter um espaço onde isso não aconteça”. Perguntei se tiveram algum problema por terem feito isso, se alguém disse algo para elas. Ela respondeu enfaticamente: “Não! Talvez alguém tenha se incomodado, mas ninguém nos disse nada”. Pensou um momento e seguiu: “Tive que romper a autocensura para propor isso, sabe?”. *Autocensura* é como os siloístas chamam os medos, vergonhas e pensamentos que limitam a própria potência para fazer algo. Por sorte, eu já tinha no meu vocabulário a palavra e ela não precisou demorar-se em me explicar e seguiu: “A imagem aparecia para mim uma e outra vez, muitas vezes, e um dia contei para Flor, ela é feminista, bom, eu também sou, e Flor me disse: ‘sabe que eu também tenho essa imagem?’ E fizemos! Não importa o que os outros pensem! Somos assim: plurais. Você quer fazer de um jeito e eu de outro, e tudo bem! É interpretação livre!”. A questão da “livre interpretação” é central na difusão da Mensagem de Silo, podendo ser colocada em prática como se queira. E aí todo o jogo dos *amigos* e *amigas* entra em movimento, com a potência de lhes permitir ser uma plataforma plástica para impulsioná-la em qualquer âmbito que se queira impulsionar. Quer ser feminista e siloísta? Nenhum problema, em princípio. É problema do outro o que eles pensem disso, que trabalhem em si mesmos se isso produz alguma coisa neles.

Dias mais tarde da *selfie*, a Norma me diz que precisamos nos encontrar; quer que conversemos sobre uma pesquisa que estão fazendo a respeito de “algo que o Negro falou”, como chamam o Silo quando querem expressar seu carinho com o mestre. Em 2004, ele enviou a Karen, uma *amiga* dos Estados Unidos que mora no Chile, muito próxima dele, uma carta na qual menciona as “sociedades matriarcais antigas”, nas quais se veria a “tendência natural da nossa espécie”. Norma me envia um arquivo em PDF no qual estão, envoltos na exegese de Karen, os fragmentos da carta. Meu esforço de contextualização busca, em uma primeira instância, imaginar de onde Silo teria tirado essas ideias. Imagino uma mistura de Frederic

Engels e a teoria da Deusa. Passo algumas referências para a Norma, com a hipótese de que ela quer conversar comigo para que eu teça conexões dessa natureza. Menciono o documentário em chave neopagã feito por Starhawk sobre Marija Gimbutas, a arqueóloga lituano-americana que descobriu as estatuetas em suas escavações e propôs que as sociedades da Europa Antiga eram pacíficas e cultuavam a Grande Deusa. Menciono a Ina May Gaskin e sua proposta de parto espiritual que abriu essa linha de experimentações. E conecto com a proposta espanhola mais provável de Casilda Rodríguez e seus escritos sobre o roubo do poder feminino. Norma me diz que Silo “lia de tudo e sem preconceitos”, que “tudo é possível”. O que ela quer conversar comigo não parece ser de natureza informativa. Vou percebendo que às vezes ela levanta temas apenas para me manter perto, “conectada”.

Mais tarde acho que o texto já circula há muitos anos. Desde 2010, quando Silo “se foi deste plano”, que é como aludem ao falecimento de alguém, Karen já havia feito circular o fragmento, transformando-o em tema “de trocas em muitos grupos” de *amigos*. De conjunto, fragmento da carta e exegese da Karen ganharam autonomia e até um nome próprio. Referem-se a esse objeto textual como “A Brecha” ou “A Ruptura”. Karen diz que durante anos tentaram “penetrar profundamente o que realmente estava sendo dito ou insinuado” por Silo. Mas foi somente na primavera de 2017 que ela percebeu que “podia decifrar o texto e o que encontrei era muito mais importante e ia mais longe do que eu jamais poderia imaginar”. Silo falava de uma forma de vida da espécie humana anterior a uma grande ruptura, ocorrida há cerca de dez mil anos, quando se abandonou um modo de convivência matriarcal organizado em torno do cuidado e da proteção do fogo que os unia para a sobrevivência, contando histórias, crescendo afetiva e materialmente a partir da cooperação. Tratava-se de uma “estrutura social matriarcal” em que o interesse pelo outro, pela comunidade, era central. Não faltavam animais nem nascimentos, havia convivência harmoniosa com outras espécies e celebração da vida. Após essa ruptura, surgiu a sociedade patriarcal, cujas consequências, baseadas na dominação e no uso da violência, perduram até hoje, interpretava a Karen.

A Ruptura se completa com o relato de um sonho que Karen teve quando estava finalizando a exegese do fragmento. Para os siloístas, os sonhos são uma instância de contato com “o profundo”, com “o mais sagrado”. Karen segue seu “guia”. Não diz quem é. Pode ser Silo, pela referência ao “olhar travesso” e pelo gesto da mão, mas o texto não especifica. Trata-se em todo caso de um “guia interno”, uma figura espiritual à qual os siloístas recorrem nos momentos em que precisam de suporte, conselho, orientação — pode ser a imagem de qualquer pessoa conhecida ou desconhecida que lhes permita sentir companhia e maior sabedoria em situações vulneráveis. O guia a convida a segui-lo. Caminham por diferentes paisagens, com tochas, sobem e descem até que:

Em frente de nós vejo uma cena com um grupo de pessoas entre 40-50. Esta é uma gruta. Todos estão fazendo diferentes coisas, alguns em grupos pequenos, outros somente estão aí. Há um grande fogo mais ou menos ao centro e outros pequenos fogos espalhados pelo lugar, todos têm algumas pessoas ao seu redor. À nossa esquerda muito perto de nós há umas poucas pessoas sentadas na escuridão em um precipício ou algo assim. Não posso vê-los, mas posso escutar que estão falando, rindo e gozando de estar juntos enquanto olham uns aos outros na clareira. Em suas vozes têm um tom muito afetivo e amistoso. Estão muito relaxados. Tudo está bem e eles não se dão conta que estamos ali. Estou observando a cena e reconheço que tudo isto é de outro tempo, de outra era. Noto que algumas pessoas usam peles de animal. Cada um está fazendo exatamente o que quer, movendo-se livremente pelo lugar. Algo mais longe para um lado e atrás das chamas do fogo principal posso ver uma mulher volumosa sentada em algo, que de algum modo se parece à mulher de Catalhuyuk dando à luz em seu trono. Ela está serena, apenas sentada coberta por algum tipo de pano drapeado ou capa que a envolve. Apenas consigo ver o perfil de sua cara; tem mais idade com um perfil muito belo. Compreendo intuitivamente que ela é a matriarca, o centro, e também compreendo que é sua presença a que dá coesão a este grupo. Ela não diz nada; ela está aí com todos. Compreendo que isto, tudo isto que estou vendo e experimentando, é o coletivo – a Mãe e tudo mais, pessoas, animais, fogo. Ela é o princípio feminino, a presença da calma e a conexão com tudo o que existe. Entendo que esta é a conexão que mantém a todas as coisas e pessoas unidas. O que nos dá proteção e confiança. Parada aí com meu Guia, embaixo das árvores na escuridão dentro da gruta, sinto profundamente nossa conexão com este laço invisível, com a matriz da vida ou um DNA especial que conforma nossa espécie em um “nós”. Estou atônita com o que estou presenciando e compreendendo. Agora sei o que é esta gruta e porque meu Guia me trouxe aqui. Aqui há Amor e Luz movendo-se dentro de nós eternamente, espiritualmente e energeticamente criando um estado singular de Paz-Força-Alegria ao mesmo tempo (Karen, *A Ruptura*, 2018).

A Ruptura pode ser baixada da internet, circula como uma espécie de folheto ilustrado em diferentes idiomas¹⁴. Frequentemente, é o ponto de partida para “trocas”, momentos nos quais os siloístas se dispersam em pequenos grupos para compartilhar em roda experiências e pareceres sobre algum tema introduzido por alguém, para depois se reencontrarem e colocar em comum aspectos significativos do que foi conversado. Em abril, por exemplo, Norma acabara de voltar de Manantiales, no Chile, e comentou comigo que “fizeram uma troca” dessas sobre a carta. Que “foi ótimo porque ocorreu algo muito unitivo, mesmo havendo mulheres jovens ativas no feminismo”. Ela me contou que foi Puchi, o marido dela, quem começou, o que a “surpreendeu positivamente”. Ele compartilhou o quanto, na infância, o mundo das mulheres lhe parecia distante e o quanto era dura para os homens a pressão pela competição. Outros amigos abriram experiências de suas vidas em sentido semelhante.

Mas, além desse relato sobre a troca, a *amiga* também estava muito entusiasmada com a vivência mesma em Manantiales. Explicou que muitos siloístas foram viver nos arredores do

14 Disponível em: https://www.parquepuntadevacas.net/Producciones/Karen_Rohn/La_Ruptura_ESP.pdf. Acesso em: 6 abr. 2026.

Parque chileno. “Construíram casas e tecem relações de ajuda mútua, cooperativas”. Muitos estão aposentados, outros trabalham pela internet. Ela mesma estava pensando na possibilidade de passar alguns meses lá, usando alguma das casas disponíveis, “porque algumas estão desocupadas e se prestam”, “há um ambiente muito bom de colaboração, é como se fosse um lugar do futuro”: “é para isso que vamos”. A essa altura, penso que estou começando a entender o que ela quer dizer com esse “é para isso que vamos”. Ela está me sinalizando que esse é um modelo de convivência que orienta sua vida, semelhante à “evolução” que deseja ver acontecer, um “futuro” em direção ao qual se movimentar.

Imagem 3. Encontro ao redor do fogo na Sala de Silo em Sergipe



Fonte: Autoria própria (2025).

Tive a oportunidade de experimentar, por conta própria, como funcionava o trabalho baseado em *A Ruptura* durante o III Encontro Nordestino de Mensageiros. Curiosamente, Karen, que “é ianque”, não havia conseguido viajar, porque poucos dias antes de sua partida, o governo brasileiro de Lula da Silva começou a exigir visto para cidadãos dos Estados Unidos, como reação ao visto que o governo de Donald Trump impôs aos brasileiros. Os *amigos de Sergipe* haviam impresso *A Ruptura* em português e distribuíram exemplares entre os presentes em diversas ocasiões. Naquela tarde, no centro de artesãs e recicladoras que visitamos em Paripueiras, Lourdes, de São Paulo, explicou:

[...] que essa tendência humana, esses valores, do cuidado, do afeto, do acolhimento, eles existem dentro de cada um de nós. Não estou falando do gênero feminino, mas de nós como ser humano, né? Como espécie humana, independentemente de ser homem ou mulher (...) esses valores existem. Porém, por causa dessa ruptura, eles ficaram ali bloqueados, né? E como nós podemos desbloquear isso? [...] Como podemos ter acesso àquilo que está aí? Como podemos ir desbloqueando isso? Mas não individualmente, e sim como um imaginário coletivo. [...] É através de uma intenção

humana que a gente vai conseguir fazer isso (Lourdes, Paripueiras, maio 2025).

O desbloqueio de imagens disponíveis para orientar a existência em chave siloísta é acessível a partir de um gesto de vontade. Já ouvi elas falar disso muitas vezes de muitos jeitos. “É com uma intenção humana que a transformação desejada pode acontecer”, diz Lourdes. “Buscamos, buscamos, buscamos: também precisamos encontrar”, diz Angélica. “Vamos exercitando dentro de nós mesmas a reconciliação e vamos conseguindo nos reconciliar”, dizia Lindacy. “Precisamos criar imagens que nos guiem para a futura libertação”, diz Karen na exegese. A iniciativa de dar um passo à frente na maneira de buscar sentido à ação e às perspectivas não implica um ato desonesto ou amnésico, um esquecimento do momento em que se decidiu no que confiar (Latour, 2018). Os siloístas acreditam no futuro não porque seja uma crença, algo parecido a uma representação, mas porque é o que eles fazem na ação para crer, para encontrar, para criar o mundo em que querem viver.

Nos enumeramos para trabalhar em pequenos grupos. Me coube em um grupo com dois homens e uma mulher. Convidamos umas artesãs presentes no local que não haviam se numerado. Estavam tímidas, com medo, talvez indiferentes. Elas aceitaram, respondendo em um tom muito baixo. Agora éramos seis pessoas. Começamos nos perguntando como vivíamos “essa ruptura” em nossas próprias vidas. No início, um dos homens tomou a palavra, motorista de aplicativo, contando ter estado em um relacionamento em que a mulher sentia muitos ciúmes e reagia de forma agressiva com ele, chegando a quebrar todos os seus pertences uma vez que ele não estava em casa. Isso permitiu conversar um pouco sobre dependência emocional e problemas do amor romântico, no qual são projetadas as dores mais profundas. Depois, comentou sobre a pressão social por não ser o provedor principal de sua casa e os julgamentos de amigos dele por realizar tarefas domésticas (“isso não é coisa de cara, me dizem”, ele falou). Isso permitiu conversar sobre estereótipos de gênero e divisão do trabalho doméstico, sobre os pactos entre homens para não quebrar o *status quo*.

Pouco a pouco, as artesãs também começaram a falar. Uma delas relatou como seu ex-parceiro não a deixava trabalhar, ameaçando-a física e emocionalmente, impedindo-a de desenvolver qualquer tentativa de ganhar dinheiro que a permitisse se autossustentar. Cenas de violências vividas começaram a emergir, no contexto da intimidade e confiança crescentes no pequeno grupo. Falamos sobre analfabetismo emocional e masculinidades patriarcais, sobre a importância de construir redes e nomear as violências. Algumas, baixando o tom ainda mais e aproximando os rostos na roda, confiaram vivências muito dramáticas que haviam tido e pediram especialmente não comentar essas experiências com ninguém. Validamos cada situação delicada compartilhada, criando um espaço de aceitação e compreensão para todos os presentes. “Muito unitivo”, diriam os siloístas mais antigos. Foi, de certo modo, uma pequena experiência da “gruta matriarcal” que a Karen havia visto em seu sonho. Ou por que não imaginá-la dessa

forma?

REFLEXÃO FINAL

Contar histórias era uma das práticas mais poderosas para confortar, inspirar, recordar, advertir, alimentar a compaixão, estar de luto e devir-com mutuamente em suas diferenças, esperanças e temores (Haraway, 2019, p. 228).

Como quem relata os costumes do lugar a uma estrangeira, Angélica me explica: “Aqui no Nordeste as pessoas não querem contar as coisas boas que estão acontecendo em suas vidas por medo de que se percam ou fiquem em perigo”. Ela quer subverter esse hábito porque considera fundamental inspirar outros, mostrar formas de vida possíveis, em que, com simplicidade e cuidados, “se potencialize o que é bom”. Esse é, de fato, o tema da convocatória do III Encontro Nordestino de Mensageiros de Silo: “Compartilhando com as pessoas mais próximas as boas experiências de nossas vidas e coletividades”. É curioso que, se no começo de minha pesquisa eu estava interessada em não perder a existência de fissuras e conflitos dentro da diversidade humana siloísta, à medida que avançava na etnografia — não apenas no trabalho de campo, mas também no processo de escrita — fui valorizando histórias que, mesmo contendo controvérsias e tensões, mostravam modos de lidar com a diversidade interna que chamavam minha atenção e precisavam ser contadas. O trabalho de campo estava produzindo em mim, no meu olhar, justamente o que os siloístas buscavam fazer: pôr em relevo as experiências boas que acontecem, revalorizar o que gera unidade sem anular as diferenças, nem negar o que acontece, mas também sem fechar a forma de imaginar como seguir adiante com criatividade.

A questão da “reparação” proposta por Lindacy foi emergindo como noção-chave, permitindo reintroduzir a violência e a desigualdade histórica sem convertê-las em fundamento de uma divisão irreversível. Algumas *amigas*, como Tania, não estão dispostas a perceber sua vida como atravessada por questões raciais ou de gênero, acha que isso é reproduzir as divisões, o que não seria unitivo com o que ela quer ver acontecer no mundo. Mas a maioria dos siloístas acompanham a questão dos sofrimentos em termos raciais. Talvez as reservas tenham sido maiores em relação às questões de gênero, já que todo tipo de marcação entre homens/mulheres faz mais problema entre os que professam uma igualdade de princípio. No entanto, o grupo impulsionado por Mariel, Flor e outras mulheres se desdobra nesse sentido, sem precisar confrontar com outros sobre a decisão de formar um espaço no qual se sintam confortáveis, acolhidas e expandidas. Ao final, os siloístas são pessoas comuns, com problemas, determinações, autocensuras, complexidades e historicidade:

Claro, não é porque você é siloísta que não tem problemas, dúvidas ou não sofre. O que o siloísmo te dá é a capacidade de ver uma possibilidade superadora, de não ficar

ressentida. Está bem: *é uma decisão*. Você tem que fazer muito trabalho interno para conseguir. Não é indiferente o que eu faço. Deixo que o ressentimento se instale em mim ou me reconcilio? O siloísmo te dá a possibilidade de ver que você tem opções, que você tem *futuro* (Mariel, Paternal, setembro 2025).

Familiarizando-me com o modo como falam, eu fui entendendo essa noção-chave de “futuro”. É a possibilidade de fazer algo com o que parece “fechado”, com o que parece não ter saída, com o que gera pessimismo e que deixa fora os três valores máximos do movimento: a força, a paz e a alegria. “Somos gente comum, temos problemas como qualquer grupo humano. Há intenção, sim. Há direção nas buscas”, me diz Mariel. E faz-se um silêncio que me oferece espaço para pensar sobre essa valorização interessante da *tentativa*, da *intenção* comum, da *direção* para a possibilidade de que algo diferente aconteça com o sofrimento, mesmo se não se consegue erradicá-lo. É a valorização do *fracasso* que eles propõem, que é também uma valorização do *intento*. Todas as palavras muito presentes na fala dos *amigos*.

O crescimento da polarização no mundo contemporâneo, associado à emergência das ultradireitas, ao uso das redes sociais e seus efeitos como forma avassaladora de expansão do capitaloceno, requer que as humanidades permaneçam alertas sobre os processos de decomposição e destruição. Esses processos precisam atenção constante, crítica e aguda (Martuccelli, 2020; Mota; Bayarri Toscano, 2023), assim como um enfoque histórico que os situe em uma temporalidade longa (Barriera, 2022; Mota; Lima, 2022). Ao mesmo tempo, é importante não perder de vista experiências e formas de fazer mundo que continuam a tarefa de superar o que divide e regenera a vida. Essas experiências são muito minoritárias, mas podem servir de refúgio frente à tentação de confiar demais no “no futuro” que se desdobra de diversas formas contemporâneas de imaginar o fim do mundo (Acha, 2025; Danowski; Viveiros de Castro, 2014).

Longe de cultivar uma visão otimista ou angelical, trata-se de desafiar a ideia de que nossa missão nas humanidades é apenas criticar ou denunciar realidades cada vez mais impressionantes em sua capacidade de mostrar uma vida coletiva em ruínas, com genocídios em andamento, processos ferozes do mercado e à sexta grande extinção que a espécie humana está propiciando na Terra. E se também escrevêssemos um futuro mais abundante em histórias-de-conflitos-que-não-escalam, em modos de lidar com controvérsias-que-não-levam-à-destruição-do-outro, em processos de alfabetização não-violenta-para-uma-convivência-menos-trágica que não supõe a produção de um mundo ideal que nunca teremos, mas sim em geração de alianças e proteção, em imagens da regeneração possível e *accountable* da vida humana e não humana em um planeta em processo de devastação? Os *amigos* encontrariam essas perguntas um tanto obscuras, pessimistas. Mesmo assim, são perguntas que advêm de uma descrição possível de sua obstinada existência.

REFERÊNCIAS

1. ACHA, Omar. La historiografía profesional argentina ante Javier Milei. **Politika**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://www.politika.io/fr/article/historiografia-profesional-argentina-ante-javier-milei>. Acesso em: 6 abr. 2026.
2. ALBERTO, Paulina. **Rethinking Race in Modern Argentina**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
3. BARRIERA, Darío. **Grietas argentinas: Divisiones ordinarias para pasiones extraordinarias**. Buenos Aires: CB Ediciones, 2022.
4. DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2014.
5. DEBAISE, Didier; STENGERS, Isabelle. **Au risque des effets**. Paris: Éditions Les Liens qui Libèrent, 2023.
6. DESPRET, Vinciane. **Cuando el lobo viva con el cordero**. Buenos Aires: Cactus, 2023.
7. FRIGERIO, Alejandro. “Negros” y “Blancos” en Buenos Aires: Repensando nuestras categorías raciales. **Temas de Patrimonio Cultural**, Buenos Aires, n. 16, p. 77-98, 2006.
8. GARZÓN ROGÉ, Mariana. “Por algo elegimos esta escuela”. Pertenencia y legitimidades al interior del asociacionismo alternativo de Buenos Aires”. **Papeles de Trabajo**, Buenos Aires, n. 29, p. 95-116, 2022. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/216850/CONICET_Digital_Nro.dbdb7958-f9a7-41b6-8e6b-7dfbf5935f9d_B.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 6 abr. 2026.
9. GARZÓN ROGÉ, Mariana. Anacoretas intachables, rara secta, jóvenes desconcertantes. La formación disputada de la experiencia siloísta en sus inicios (1967-1968). **Estudios del ISHIR**, Rosario, n. 44, 2026. Disponível em: <https://ojs.rosario-conicet.gov.ar/index.php/revistaISHIR/article/view/2226>. Acesso em: 27 maio. 2026.
10. GORDILLO, Gastón. Se viene el malón: Las geografías afectivas del racismo argentino. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 52, p. 7-35, 2020. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-275X2020000200007. Acesso em: 6 abr. 2026.
11. GUZMÁN, Florencia; GELER, Lea; FRIGERIO, Alejandro (ed.). **Cartografías afrolatinoamericanas: Perspectivas situadas desde la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2016.
12. HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno**. Buenos Aires: Consonni, 2019.
13. LATOUR, Bruno. **Sobre el culto moderno de los dioses factiches seguido de Iconoclash**. Buenos Aires: Dedalus, 2018.
14. MANZANO, Valeria. Desde la “revolución total” a la democracia. Siloísmo, contracultura

- y política en la historia argentina reciente. **Prismas**, Quilmes, n. 21, v. 1, p. 115-135, 2017. Disponível em: https://prismas.unq.edu.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Manzano_prismas21. Acesso em: 6 abr. 2026.
15. MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. **Microcosmos**. Barcelona: Tusquets Editor, 1995.
 16. MARTUCCELLI, Danilo. Las sociedades y la polarización: De la era de las ideologías a la era de las convicciones. **Revista Euro latinoamericana de Análisis Social y Político**, [s. l.], n. 1, p. 105-120, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35305/rr.v1i1.40>. Acesso em: 6 abr. 2026.
 17. MOTA, Fabio Reis. Do indivíduo blasé aos sujeitos cismados: Reflexões antropológicas sobre as políticas de reconhecimento na contemporaneidade. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 44, p. 124-148, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2018.0i44.a41959>. Acesso em: 6 abr. 2026.
 18. MOTA, Fabio Reis; BAYARRI TOSCANO, Gabriel. De la raison des Lumières à la raison illusionniste: Considérations anthropologiques sur la «schismocratie bolsonariste» **Brésil(s). Sciences humaines et sociales**, [s. l.], n. 23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/bresils.14929>. Acesso em: 6 abr. 2026.
 19. MOTA, Fabio Reis; LIMA, Roberto Kant de. Pega na mentira: Notas antropológicas sobre tempos inquietantes. **RECIIS**, Rio de Janeiro, n. 16, v. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i2.3271>. Acesso em: 6 abr. 2026.
 20. ORTNER, Sherry. Dark anthropology and its others: Theory since the eighties. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, [s. l.], n. 6, v. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14318/hau6.1.004>. Acesso em: 6 abr. 2026.
 21. PITTUELLI, Daniel Esteban. **Ni olvido ni perdón**: Diario de un prisionero político. Buenos Aires: Editorial Marat, 2019.
 22. ROBBINS, Joel. Beyond the suffering subject: Toward an anthropology of the good. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, [s. l.], n. 19, v. 3, p. 447-462, 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42001631>. Acesso em: 6 abr. 2026.
 23. ROBBINS, Joel. Anthropology Bright and Dark: Relativism, Value Pluralism, and the Comparative Study of the Good. **Social Analysis**, [s. l.], n. 67, v. 4, p. 43-100, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/sa.2023.670403>. Acesso em: 6 abr. 2026.

Mariana Garzón Rogé

Pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas y Técnicas na Universidade de Buenos Aires. Doutora em História pela Universidade Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9129-4643>. E-mail: mariana.garzon.roge@gmail.com